



Relatório

de

Acompanhamento Setorial

TÊXTIL E CONFECÇÃO

VOLUME I

Junho 2008





RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO SETORIAL TÊXTIL E CONFECÇÃO

Volume I

Equipe:

Célio Hiratuka (Unicamp)

Cristiane Viana (Unicamp)

Pesquisadores e bolsistas do NEIT/IE/Unicamp

Rogério Dias de Araújo (ABDI)

Carlos Henrique Mello (ABDI)

Caetano Glavam Ulharuzo (ABDI)

junho de 2008

Esta publicação é um trabalho em parceria desenvolvido pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial – ABDI e o Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

SUMÁRIO

1. Caracterização Geral e Principais Tendências Internacionais na Indústria Têxtil e de Confeção	1
2. Caracterização e análise do desempenho da indústria brasileira têxtil e de confecção	4
2.1 Estrutura e concentração.....	4
2.2 Produção e valor adicionado	7
2.3 Emprego e rendimentos do trabalho	9
2.4 Comércio Exterior	11
3. Principais fatores de competitividade e desafios competitivos.....	14
Referências bibliográficas.....	18

1. Caracterização Geral e Principais Tendências Internacionais na Indústria Têxtil e de Confecção

A indústria têxtil e de confecção é bastante ampla e é composta por várias etapas produtivas inter-relacionadas. Basicamente, podem ser destacadas 4 etapas: 1) **fiação**: produção de fios ou filamentos que serão preparados para a etapa da tecelagem; 2) **tecelagem**: fabricação de tecidos planos ou tecidos de malha (malharia) e de tecnologia de não-tecidos; 3) **acabamento**: operações que conferem ao produto conforto, durabilidade e propriedades específicas; 4) **confecção**: desenho, confecção de moldes, gradeamento, encaixe, corte e costura. Na etapa final, os produtos podem tomar a forma de vestuário, de artigos para o lar (cama, mesa, banho, decoração e limpeza), ou para a indústria (filtros de algodão, componentes para o interior de automóveis, embalagens etc.). O produto final de cada uma dessas fases é a matéria-prima da fase seguinte, o que denota à cadeia têxtil e de confecção um caráter bastante diversificado, sendo cada setor composto por grande número de segmentos diferenciados, com dinâmicas, estruturas físicas e *players* próprios.

A descontinuidade do processo produtivo, com diferentes intensidades em termos de utilização de capital e mão-de-obra em cada etapa, somada às diversas possibilidades de utilização e combinação de matérias-primas, resulta em uma gama bastante ampla de opções quanto ao processo técnico utilizado, às formas de organização da produção e ao produto final desejado. Do ponto de vista tecnológico, em grande medida, o setor absorve as inovações tecnológicas desenvolvidas no setor de máquinas têxteis e no setor de fibras químicas. No entanto, as diferentes aplicações finais e as possibilidades de segmentação de mercado no elo final da cadeia colocam como elemento fundamental de competitividade a capacidade de diferenciar produtos e de atender de maneira flexível às mudanças nos padrões de preferência dos consumidores.

Como resultado, as estratégias empresariais também são bastante diversificadas em termos de escalas de produção, diferenciação de produto, intensidade na utilização de capital ou mão-de-obra, integração vertical ou especialização em etapas específicas. Essas opções variam de acordo com a especificação desejada do produto final (aparência, textura, padronagem, flexibilidade, etc.) e com o mercado que se deseja atingir (de uso doméstico ou industrial, de produtos de moda ou padronizados, para faixas de renda elevada ou baixa, etc).

Em termos mundiais, a possibilidade de fragmentar o processo produtivo em etapas resultou em uma cadeia produtiva integrada internacionalmente e comandada por grandes empresas especializadas na gestão da marca e da comercialização, ou nas próprias empresas de varejo comandando a transferência de etapas mais intensivas em mão-de-obra para países em desenvolvimento com baixos custos salariais.

O acirramento da concorrência internacional obrigou os produtores dos países centrais a uma intensa reestruturação nas suas formas de inserção no mercado e nas estratégias de organização da produção. Os aspectos centrais desse processo de reestruturação são:

- Concentração em produtos de maior valor agregado, com maior ênfase na diferenciação de produtos através de investimento nas atividades de design e desenvolvimento de marcas.

- Redução do tempo de concepção, produção e comercialização, de maneira a seguir de perto as variações relacionadas às tendências da moda, fugindo da concorrência com produtos mais padronizados.
- Deslocamento das etapas mais intensivas em mão-de-obra para países de mão-de-obra barata, configurando esquemas de subcontratação principalmente dentro de acordos regionais (Estados Unidos com o México e o Caribe, Países desenvolvidos da Europa com a Turquia e países do Norte da África, e Japão e Tigres Asiáticos com China, Indonésia, Bangladesh e Vietnã)
- A utilização de técnicas modernas de *supply chain management* combinada com a difusão de tecnologia de informação como EDI (*Electronic Data Interchange*) e ECR (*Efficient Consumer Response*) passou a ser um fator competitivo fundamental em razão da necessidade de integração entre as várias etapas da cadeia produtiva, de maneira a captar rapidamente as tendências do mercado consumidor e gerenciar toda a cadeia de suprimentos para o atendimento dessas tendências,

Por outro lado os produtores de alguns países em desenvolvimento também têm buscado se reposicionar na cadeia de valor, passando da montagem pura e simples por subcontratação, para produtores OEM (Original Equipment Manufacturing), o que envolve receber a especificação do produto, desenvolver especificações sobre o processo de produção, gerenciar a logística de compras e entregar o produto com a marca do cliente. Ao mesmo tempo buscam avançar na capacitação em design e criação de marcas próprias, estendendo o esquema de subcontratação para outros países de mão-de-obra ainda mais barata, fugindo ao mesmo tempo das restrições impostas pelo sistema de quotas que vigorou no Acordo Multifibras e posteriormente no Acordo de Têxteis e Vestuário, que ficou vigente até 2005.

A reorganização mundial da cadeia Têxtil e de Confecção aparece claramente nos dados de comércio internacional, com o deslocamento constante dos países desenvolvidos no ranking dos principais exportadores praticamente desde a década de 60 do século passado.

No período mais recente, as exportações mundiais de produtos têxteis e de confecção atingiram aproximadamente US\$ 534 bilhões em 2006, apresentando um crescimento de 6,4% ao ano no período 2000-2006 (tabela 1). Neste último ano, o valor das exportações representou cerca de 4,5% das exportações mundiais. O maior crescimento entre os grupos de produtos analisados foi no segmento de produtos de vestuário (7,3% ao ano), levando a um aumento na participação relativa de 52,8% em 2000 para 55,4% em 2006. Já os fios e tecidos e as fibras têxteis cresceram abaixo da média e perderam participação, representando 39,7% e 4,9% do total exportado em 2006, respectivamente.

Tabela 1 - Exportação mundial de produtos têxteis e de confecção (2000 e 2006)

Produto	US\$ bilhões e %				
	2000		2006		Cresc. médio anual 2000-2006
	Valor	Part. Rel.	Valor	Part. Rel.	
Fibras	19,5	5,3%	26,3	4,9%	5,1%
Fios e tecidos	154,0	41,9%	212,1	39,7%	5,5%
Confecção e Vestuário	194,0	52,8%	295,9	55,4%	7,3%
Total	367,5	100,0%	534,33	100,0%	6,4%

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Comtrade.

Considerando os principais países exportadores de têxteis e confecções, chama atenção o extraordinário aumento das exportações chinesas entre 2000 e 2006 (tabela 2). A taxa de crescimento foi de 18% ao ano e em termos absolutos representou um aumento de quase US\$ 100 bilhões. Em razão do aumento da participação chinesa, praticamente todos os países tiveram queda de *market-share* no período, com exceção da Índia, que subiu da 8^a. para a 6^a. posição no ranking, e Turquia, que não aparecia entre os principais exportadores em 2000 e passou a ocupar a 8^a. posição em 2006. Vale destacar também o aumento das exportações de países com menor grau de desenvolvimento, embora não estejam entre os 10 maiores, como por exemplo Vietnã, Bangladesh, Paquistão e Indonésia.

Tabela 2 – Principais países exportadores de produtos têxteis e de confecção (2000 e 2006)

País	US\$ bilhões e %				
	2000			2006	
	Valor	Part. Rel.	País	Valor	Part. Rel.
1. China	53,3	14,5	1. China	145,5	27,2
2. Hong Kong	37,9	10,3	2. Hong Kong	42,5	8,0
3. Itália	26,0	7,1	3. Itália	35,9	6,7
4. Estados Unidos	22,8	6,2	4. Alemanha	30,5	5,7
5. Alemanha	19,3	5,2	5. Estados Unidos	23,7	4,4
6. Coréia do Sul	18,7	5,1	6. Índia	20,0	3,7
7. França	12,5	3,4	7. França	16,7	3,1
8. Índia	12,3	3,3	8. Turquia	16,3	3,0
9. México	11,5	3,1	9. Bélgica	15,6	2,9
10. Bélgica	10,7	2,9	10. Coréia do Sul	13,3	2,5
Total 10 maiores	225,1	61,2	Total 10 maiores	360,0	67,4
Demais Países	142,4	38,8	Demais Países	174,3	32,6
Total	367,5	100,0	Total	534,3	100,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Comtrade.

No que se refere ao total das importações mundiais de produtos têxteis e de confecção (tabela 3), observa-se uma certa estabilidade entre os 10 principais países no período analisado. A análise dos valores exportados e importados de países desenvolvidos como Estados Unidos e Alemanha permite constatar o elevado déficit comercial desses países.

O fim do Acordo de Têxteis e Vestuário em 2005, que organizou a transição do modelo de quotas e restrições às importações para as regras gerais da OMC deve provocar uma concentração ainda maior da produção e das exportações em países como China, Índia e Turquia, reduzindo ainda mais a participação dos países desenvolvidos e

de países em desenvolvimento menos competitivos. Vale ressaltar entretanto, que esses países devem passar a utilizar medidas de salvaguardas e anti-dumping de maneira mais intensa para reduzirem os efeitos decorrentes da competição dos grandes produtores (OCDE, 2007).

Tabela 3 – Principais países importadores de produtos têxteis e de confecção (2000 e 2006)

Em US\$ bilhões e %					
2000			2006		
País	Valor	Part. Rel.	País	Valor	Part. Rel.
1. Estados Unidos	83,8	22,0	1. Estados Unidos	107,7	20,6
2. Hong Kong	30,2	7,9	2. Alemanha	41,1	7,9
3. Alemanha	29,7	7,8	3. Hong Kong	33,2	6,3
4. Japão	25,6	6,7	4. Japão	30,7	5,9
5. Reino Unido	20,4	5,4	5. Reino Unido	30,5	5,8
6. França	18,5	4,9	6. França	26,9	5,2
7. China	16,9	4,4	7. China	26,3	5,0
8. Itália	14,7	3,9	8. Itália	24,4	4,7
9. México	10,2	2,7	9. Espanha	16,4	3,1
10. Bélgica	8,8	2,3	10. Bélgica	13,0	2,5
Total 10 maiores	258,8	68,0	Total 10 maiores	350,3	67,0
Demais Países	121,8	32,0	Demais Países	172,8	33,0
Total	380,6	100,0	Total	523,1	100,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Comtrade.

De qualquer maneira, é possível prever a continuidade de um cenário internacional de concorrência bastante acirrada, o que aumenta os desafios competitivos para a indústria têxtil e de confecção brasileira.

2. Caracterização e análise do desempenho da indústria brasileira têxtil e de confecção

2.1 Estrutura e concentração

Enquanto as etapas de tecelagem e, principalmente a fiação, são relativamente mais intensivas em capital e escala, com maior possibilidade de automatização do processo produtivo, a etapa de confecção e vestuário continua sendo bastante intensiva em mão-de-obra. Essa característica se reflete nas estruturas de mercado dos diversos segmentos da indústria Têxtil e de Confecção brasileira. Enquanto o setor de confecção é extremamente pulverizado, com a predominância de micro e pequenas empresas, nos segmentos de tecelagem e fiação as pequenas empresas convivem com algumas empresas líderes de grande porte, responsáveis por parcela importante da produção.

Observando os dados da tabela 4 e 5, é possível verificar a predominância de empresas de pequeno porte, tanto no setor têxtil quanto no setor de confecção. No caso do setor têxtil, considerando a participação acumulada, é possível observar que as empresas com até 49 empregados concentraram 90% dos estabelecimentos do setor,

sendo que somente os estabelecimentos com até 4 empregados, somaram cerca de 50% do total (tabela 4). Apesar disso, comparativamente ao setor de confecções, existe um número maior de empresas com mais de 500 e 1000 funcionários. Em termos de número de empresas, o setor cresceu 14% no período, passando de 9.416 estabelecimentos em 2000 para 10.735 em 2005.

Tabela 4 – Setor de fabricação de produtos têxteis: número de estabelecimentos por faixa de tamanho medido pelo número de empregados (2000 e 2005)

Número de empregados	2000	Participação no total 2000 (%)	Acumulado 2000	2005	Participação no total 2005 (%)	Acumulado 2005	Δ 2000-2005
Nenhum	794	8,4	8,4	985	9,2	9,2	24,1
Até 4	3865	41,0	49,5	4329	40,3	49,5	12,0
De 5 a 9	1680	17,8	67,3	1902	17,7	67,2	13,2
De 10 a 19	1214	12,9	80,2	1419	13,2	80,4	16,9
De 20 a 49	968	10,3	90,5	1085	10,1	90,5	12,1
De 50 a 99	376	4,0	94,5	457	4,3	94,8	21,5
De 100 a 249	270	2,9	97,4	305	2,8	97,6	13,0
De 250 a 499	153	1,6	99,0	163	1,5	99,2	6,5
De 500 a 999	61	0,6	99,6	54	0,5	99,7	-11,5
1000 ou mais	35	0,4	100,0	36	0,3	100,0	2,9
Total	9.416	100	-	10.735	100	-	14,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da RAIS/MTE.

No caso do setor de confecção de artigos do vestuário e acessórios, em 2000 e 2005, observa-se que quase 70% do total de estabelecimentos possuíam menos de 10 funcionários. Considerando as empresas com até 49 empregados, a participação relativa atinge cerca de 95% do total. Ao mesmo tempo, o número de grandes empresas é menor e representam uma parcela ínfima do total de empresas do setor (tabela 5).

Tabela 5 – Setor de confecção de artigos de vestuário e acessórios: número de estabelecimentos por faixa de tamanho medido pelo número de empregados (2000 e 2005)

Número de empregados	2000	Participação no total 2000 (%)	Acumulado 2000	2005	Participação no total 2005 (%)	Acumulado 2005	Δ 2000-2005
Nenhum	3423	9,9	9,9	3955	9,4	9,4	15,5
Até 4	15624	45,0	54,8	17954	42,7	52,1	14,9
De 5 a 9	6504	18,7	73,5	8085	19,2	71,3	24,3
De 10 a 19	4678	13,5	87,0	6016	14,3	85,6	28,6
De 20 a 49	3251	9,4	96,4	4283	10,2	95,8	31,7
De 50 a 99	781	2,2	98,6	1166	2,8	98,6	49,3
De 100 a 249	360	1,0	99,6	479	1,1	99,7	33,1
De 250 a 499	89	0,3	99,9	96	0,2	99,9	7,9
De 500 a 999	24	0,1	100,0	21	0,0	100,0	-12,5
1000 ou mais	11	0,0	100,0	11	0,0	100,0	0,0
Total	34.745	100,0	-	42.066	100,0	-	21,1

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da RAIS/TEM.

A tabela 6 apresenta o grau de concentração econômica dos respectivos setores analisados para o ano de 2005. A partir dessas informações é possível confirmar o grau elevado de pulverização dos dois segmentos, embora seja maior no setor de confecção. Observa-se que, enquanto as doze maiores empresas do setor de fabricação de produtos têxteis responderam por 16,5% do pessoal ocupado, as doze maiores empresas do setor de confecção de artigos do vestuário e acessórios incluíram apenas 5,5% do pessoal ocupado.

Tabela 6 - Setor de fabricação de produtos têxteis e setor de confecção de artigos de vestuário e acessórios: grau de concentração econômica (2005)

Setor	Em (%)		
	CR4	CR8	CR12
Fabricação de produtos têxteis	11,3	14,3	16,5
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	3,2	4,6	5,5

Nota: CR4: concentração a partir do Pessoal Ocupado (PO) das 4 maiores empresas; CR8: concentração do PO nas 8 maiores empresas; CR12: concentração do PO nas 12 maiores empresas.
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do Cadastro Central de Empresas (CCE)/IBGE.

Os dados da PIA-IBGE, embora não cubram empresas com menos de 5 empregados, que correspondem a grande parte das empresas do setor, permitem ter uma idéia da evolução no número de empresas em um período mais longo de tempo e verificar a participação relativa dentro do total da indústria brasileira. Como pode ser observado na tabela 7, o número de empresas no setor de produtos têxtil aumentou de 4.529 em 1996 para 5.820 em 2005. Entre 1996 e 2002 o número de empresas oscilou bastante, sem uma tendência clara de aumento ou diminuição. Porém, a partir de 2003 é possível perceber um aumento contínuo no número de empresas. Em termos de participação relativa, em 2005 as empresas do setor representaram 3,9% do total da indústria. Quanto ao setor de confecção, observa-se uma tendência de aumento ao longo do período, fechando 2005 com 19.530 empresas. Em termos relativos, porém, a participação do setor no número total de empresas da indústria apresentou queda de 13,6% para 13,3%.

Tabela 7 - Setor de fabricação de produtos têxteis e setor de confecção de artigos de vestuário e acessórios: número de empresas e participação relativa na indústria (1996-2005)

Ano	Fabricação de produtos têxteis	% da Indústria	Confecções	% da Indústria
1996	4.529	4,2	14.708	13,6
1997	3.573	3,3	14.240	13,3
1998	4.311	3,8	14.795	13,1
1999	3.639	3,1	14.996	12,7
2000	4.342	3,5	16.556	13,3
2001	4.481	3,4	18.128	13,8
2002	4.584	3,4	18.615	13,8
2003	5.005	3,6	19.214	13,8
2004	5.593	3,9	19.261	13,4
2005	5.820	3,9	19.530	13,3
Δ total (%)	28,5	-5,7	32,8	-2,6
Δ anual (%)	2,8	-0,7	3,2	-0,3

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIA/IBGE.

2.2 Produção e valor adicionado

O Brasil está entre os principais produtores da indústria têxtil e de confecção do mundo. Em 2005, foi o segundo maior produtor de tecidos de malha, o sexto maior produtor de fios e filamentos, o sétimo, em tecido, e o quinto, em confecção (Lupatini, 2007). O tamanho do mercado interno e de sua população explicam as dimensões da produção do setor.

Os dados de volume de produção em toneladas divulgados pelo IEMI mostram que produção do setor cresceu de maneira relativamente lenta no período 1995-2006. A taxa média de crescimento anual foi de 3,4% no período, sendo um pouco mais elevada na tecelagem e na malharia, enquanto a confecção e a fiação cresceram abaixo da média. (tabela 8).

Tabela 8 - Evolução da produção da indústria têxtil e de confecção entre 1995 e 2006, por segmento.

Segmento	em toneladas		
	1995	2006	Cresc. Médio Anual
Fiação	1.066.914	1.345.408	2,1%
Tecelagem	875.153	1.369.382	4,2%
Malharia	350.760	609.485	5,2%
Confecção	1.216.949	1.744.427	3,3%
Total	3.509.776	5.068.702	3,4%

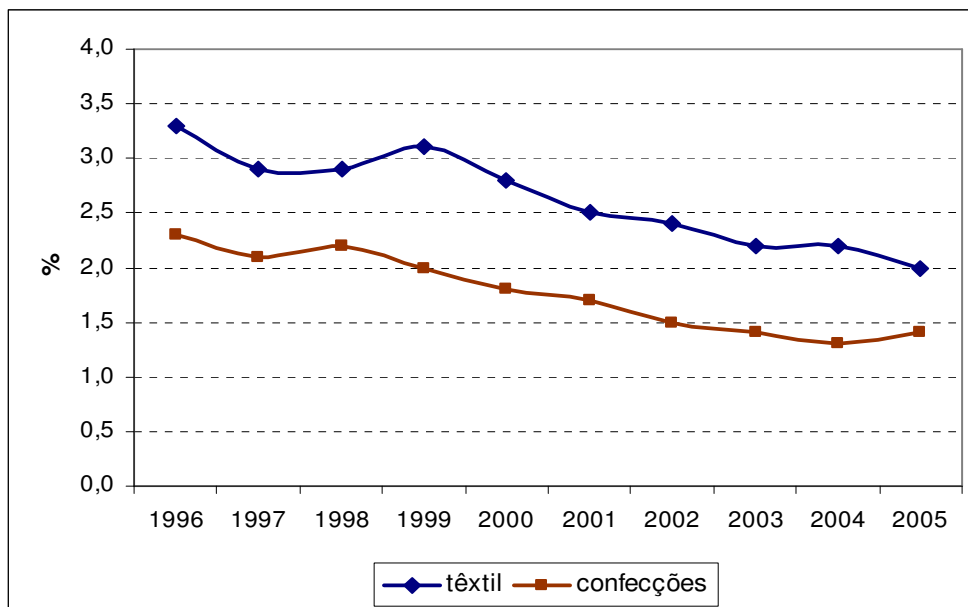
Fonte: IEMI

Embora tenha se observado um crescimento na produção física, em termos de valor adicionado, os dados da PIA/IBGE mostram um desempenho bastante negativo entre 1996 e 2005. Tanto o setor têxtil quanto o setor de confeções tiveram uma perda expressiva na participação no total do VTI da Indústria de transformação. No caso do setor têxtil, a participação se reduziu de 3,3% em 1996 para 2,2%. Já o setor de confecção apresentou uma queda na participação relativa de 2,3% para 1,4% da indústria de transformação.

Esse desempenho ruim reflete em grande medida as dificuldades vividas pelo setor, por um lado obrigado a conviver com um maior nível de concorrência com produtos importados desde o período de abertura, em especial nos momentos de maior valorização cambial, e por outro, com uma economia marcada pelo baixo crescimento e pela estagnação nos níveis de renda e emprego na maior parte do período considerado.

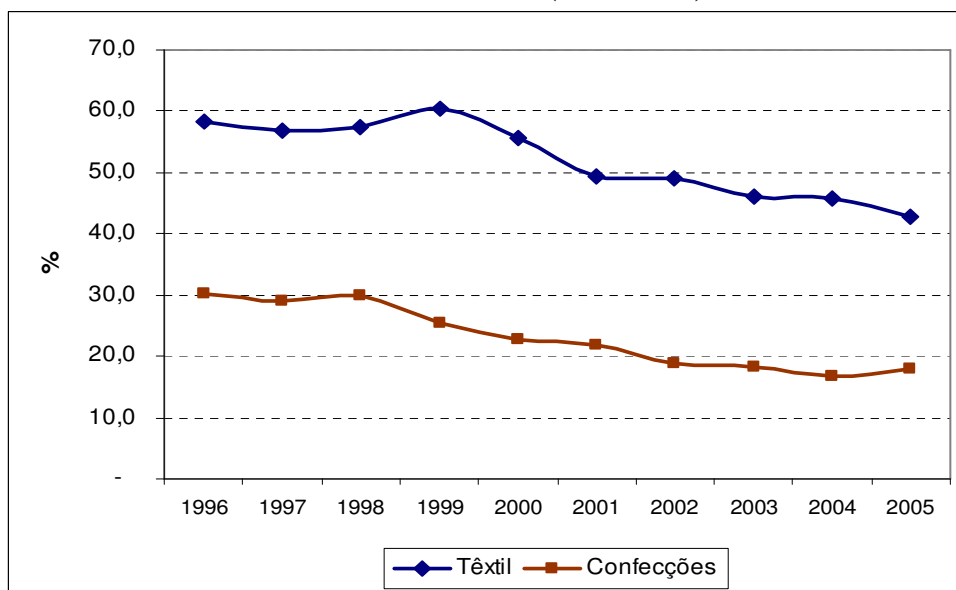
Apesar dos esforços de modernização tecnológica, com maior atualização do parque de máquinas, em especial das grandes empresas do setor, em geral o setor continua apresentando produtividade, medida pela relação entre o VTI e o pessoal ocupado, relativamente baixa. Em comparação com a indústria de transformação, é possível observar no gráfico 2, não apenas o menor nível de produtividade, em especial do setor de confecção, mas também uma tendência ao aumento da distância relativa em relação à média da indústria. No caso do setor têxtil, enquanto a produtividade atingia 58% da produtividade observada na indústria de transformação em 1996, em 2005 essa porcentagem chegou a 42%. No caso do setor de confecção, a queda foi de 30% para 17% no mesmo período.

Gráfico 1 – Participação relativa dos setores Têxtil e Confecção no VTI da indústria brasileira (1996-2005)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIA/IBGE.

Gráfico 2 – Produtividade relativa dos setores Têxtil e Confecção no VTI da indústria brasileira (1996-2005)



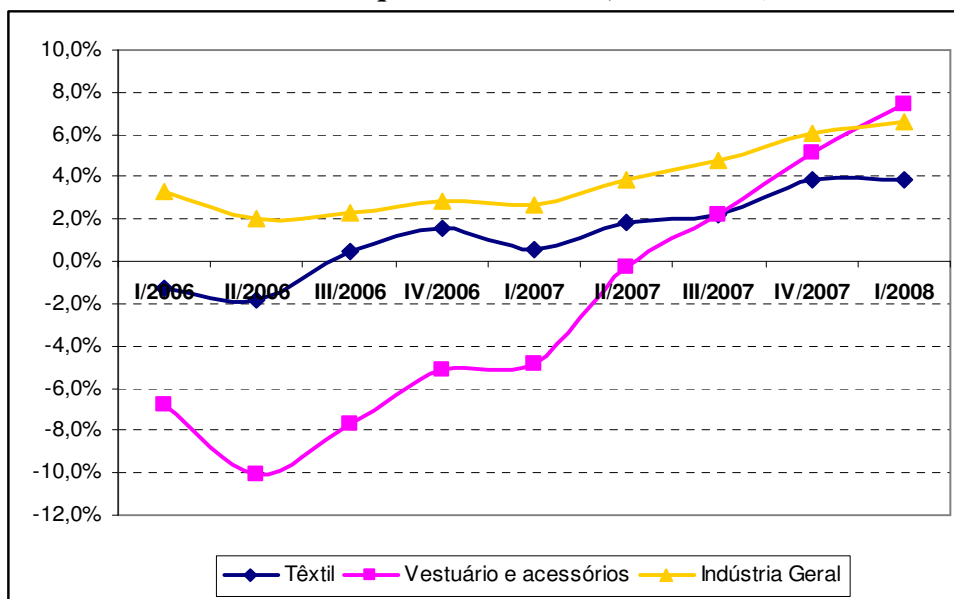
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIA/IBGE.

No período mais recente, é possível observar uma tendência de melhora nos indicadores de produção do setor, em especial em 2007, em razão do crescimento do consumo interno, estimulado pelo aumento do emprego e dos salários.

O desempenho mais significativo é notado no setor de confecção, que encerra o ano de 2006 com uma taxa acumulada negativa de produção (-5,1%) e chega ao último trimestre de 2007 com uma taxa acumulada de 5,1%, superando, inclusive, a variação apresentada pelo setor de fabricação de produtos têxteis, que encerra o ano de 2007 com

taxa de produção acumulada de 3,8% (gráfico 3). Ambos os setores seguem a tendência de evolução positiva na produção física apresentada pela indústria geral (taxa acumulada de 2,8% em 2006 e de 6% em 2007), apesar de não conseguirem apresentar taxas de crescimento superiores a ela, com exceção do segmento de confecção no primeiro trimestre de 2008. Fabricantes da indústria têxtil e de confecção estão prevendo um crescimento ainda maior da produção para o primeiro semestre de 2008, superando o mesmo período de 2007.

Gráfico 3 – Indústria geral e setores de fabricação de produtos têxteis, de confecção de artigos do vestuário e acessórios: produção física (taxa acumulada nos últimos quatro trimestres, 2006-2007)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/IBGE.

2.3 Emprego e rendimentos do trabalho

Os setores Têxtil e de Confecção são relativamente intensivos em mão-de-obra e possuem grande capacidade de geração de empregos. No caso brasileiro, o crescimento lento da produção resultou também em uma trajetória de pequena expansão no número de pessoas ocupadas entre 1996 e 2005. De acordo com os dados da PIA, no caso do setor têxtil o número de pessoas ocupadas no setor em 2005 era apenas 5,1% superior ao observado em 1996. Por outro lado, a massa salarial sofreu uma redução constante entre 1996 e 1999, permanecendo praticamente estagnada entre 2000 e 2002, e voltando a crescer lentamente a partir de 2003. Como a evolução do pessoal ocupado ocorreu de maneira um pouco mais favorável do que a massa salarial, o salário médio acabou apresentando tendência de redução ao longo do período, com reversão apenas em 2005.

Quanto ao setor de confecção, observa-se também uma tendência de redução no número de pessoas ocupadas até 1999, verificando-se a partir de então um crescimento contínuo no emprego até 2004. Em 2005 o pessoal ocupado manteve-se praticamente estável, atingindo quase 500 mil pessoas. No período como um todo o aumento foi de 28,1% (taxa média anual de 2,8%). Em termos de massa salarial, depois de um período de queda até 1999, observou-se uma recuperação lenta até 2004. No entanto, o

crescimento em ritmo um pouco mais rápido do número de pessoas ocupadas ocasionou uma tendência de redução no salário médio. Apenas em 2005 o salário médio voltou a apresentar crescimento, dado o aumento significativo da massa salarial, combinado com a estabilidade no número de pessoas ocupadas.

Tabela 9 – Indústria Têxtil e de Confeção: pessoal ocupado, total de salários e salário médio (1996-2005)

Ano	Fabricação de produtos têxteis			Confeção e Artigos de Vestuário		
	Pessoal Ocupado (PO)	Total de Salários	Salário Médio	Pessoal Ocupado (PO)	Total de Salários	Salário Médio
1996	287.808	3.585.277	12,5	389.278	3.030.700	7,8
1997	251.603	3.306.825	13,1	359.052	2.924.958	8,1
1998	249.999	3.114.516	12,5	352.165	2.833.948	8,0
1999	253.604	2.742.207	10,8	383.824	2.748.488	7,2
2000	272.367	3.040.569	11,2	411.715	2.855.305	6,9
2001	280.515	3.148.060	11,2	420.998	2.859.191	6,8
2002	277.545	2.966.192	10,7	439.122	2.821.235	6,4
2003	283.790	3.047.976	10,7	447.312	2.961.312	6,6
2004	302.433	3.215.815	10,6	498.751	3.140.258	6,3
2005	302.505	3.306.788	10,9	498.569	3.403.569	6,8
Δ total (%)	5,1	-7,8	-12,2	28,1	12,3	-12,3
Δ anual (%)	0,6	-0,9	-1,4	2,8	1,3	-1,4

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIA/IBGE.

No período mais recente, os dados indicam que o nível de emprego no setor tem dado sinais de dinamismo maior, principalmente em função do reaquecimento do mercado interno (tabela 10). Em 2006, o setor de fabricação de produtos têxteis gerou 5,4 mil vagas formais adicionais e o setor de confecção (maior e mais pulverizado) gerou 22,6 mil vagas de acordo com informações do CAGED do Ministério do Trabalho. No ano de 2007, o número de vagas criadas foi ainda maior. No setor têxtil foram geradas neste ano mais que o dobro de vagas geradas em 2006, (11,8 mil vagas) e no setor de confecção de artigos do vestuário e acessórios foram geradas 44% mais vagas do que em 2006 (32,6 mil vagas). Ou seja, os dois setores foram responsáveis por cerca de 11,5% do total de vagas formais criadas na indústria no ano passado.

Tabela 10 – Setores de fabricação de produtos têxteis e de confecção de artigos do vestuário e acessórios: evolução da criação de emprego formal (2006 e 2007)

	Admitidos		Desligados		Criação de Vagas	
	2006	2007	2006	2007	2006	2007
Total da Indústria	2.664.805	3.083.216	2.411.779	2.691.585	253.026	391.631
Fabricação de produtos têxteis	109.557	128.405	104.152	116.547	5.405	11.858
Confeção de artigos do vestuário e acessórios	255.715	292.489	233.042	259.867	22.673	32.622

Fonte: CAGED/MTE.

Analisando os dados do último biênio relacionados à massa salarial da indústria têxtil e de confecção e do total da indústria observa-se uma tendência a uma remuneração maior dos trabalhadores (tabela 11). Em 2006, tanto o setor têxtil quanto o setor de confecção tiveram a massa salarial dos empregados admitidos menor do que a massa salarial dos empregados desligados, Já em 2007, o setor de confecção apresentou

massa salarial dos admitidos maior do que a dos desligados, enquanto que no setor têxtil, embora a massa salarial dos desligados tenha continuado a ser maior do que a dos admitidos, a diferença reduziu-se bastante.

Tabela 11 - Setores de fabricação de produtos têxteis, de confecção de artigos do vestuário e acessórios e indústria geral: evolução da massa de salários e dos salários médios – admissional e demissional (2006 e 2007)

	Massa de salário dos admitidos		Massa de salário dos desligados		Salário admissional médio (R\$)		Salário médio de desligamento (R\$)	
	(R\$ milhões)		(R\$ milhões)					
	2006	2007	2006	2007	2006	2007	2006	2007
Total da Indústria	1.650,5	2.071,7	1.744,3	2.055,2	619,0	672,0	723,0	764,0
Fabricação de produtos têxteis	61,9	73,6	71,4	78,4	565,7	575,9	684,7	673,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	126,7	150,4	127,5	146,2	496,6	515,6	547,5	562,6

Fonte: CAGED/MTE. Dados deflacionados pelo IPCA.

Quando se observam os salários médios, é possível observar também uma tendência de aumento no salário médio de admissão. No caso do setor têxtil, o aumento foi de 1,8%, enquanto que no setor de confecção foi de 3,8%. Porém, comparado com o total da indústria, que apresentou aumento de 8,6%, a elevação nos dois segmentos foi muito menos significativa

Observa-se portanto, que os dados sobre emprego e salários no setor vêm apresentando resultados positivos no período mais recente, porém, em um nível inferior ao verificado no total da indústria. Ainda assim, pode-se dizer que a recuperação recente do setor tem sido importante, principalmente porque aponta para uma possibilidade de reversão na tendência observada desde 1996, embora parte do aumento recente da demanda tenha se traduzido em aumento de importações, como será analisado na seção a seguir.

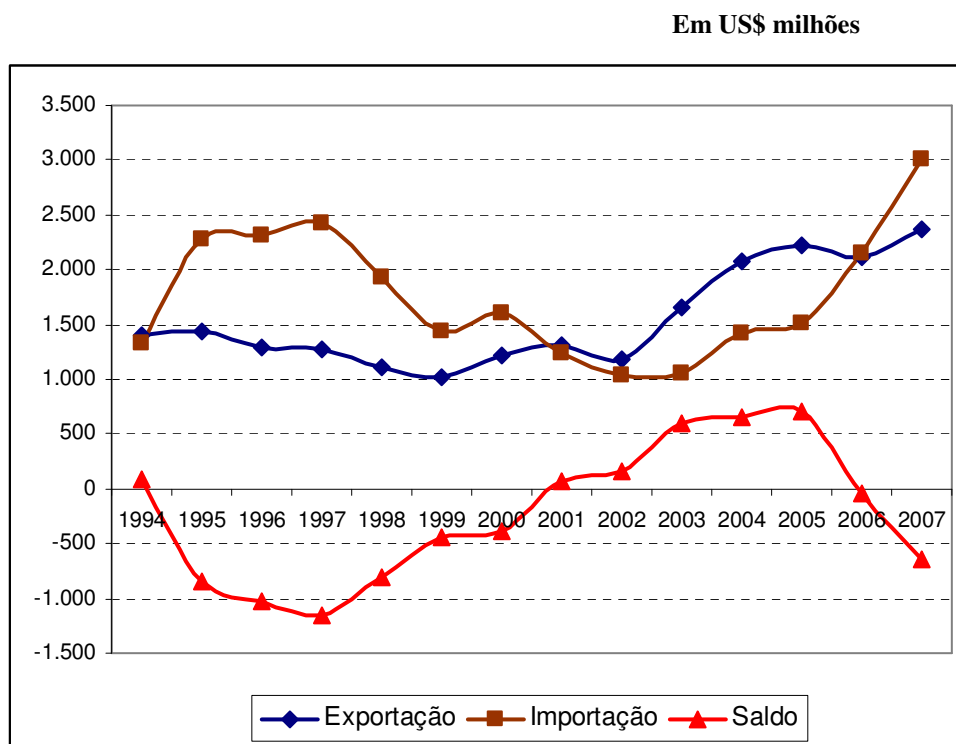
2.4 Comércio Exterior

O comportamento de longo prazo do comércio exterior da cadeia têxtil e de confecção pode ser observado no gráfico 4. Através desse gráfico, é possível perceber que as exportações permaneceram praticamente estagnadas entre 1994 e 2002, passando a partir de 2003 a mostrar uma tendência de crescimento bastante robusta até 2007. Nesse último ano, o valor das exportações atingiu US\$ 2,3 bilhões, praticamente o dobro do volume alcançado em 2002.

No entanto, o resultado em termos de saldo comercial dependeu em grande parte do comportamento das importações. Depois de um aumento acelerado entre 1994 a 1997, que resultou em déficits elevados, as importações passaram a decrescer em função tanto da estagnação da demanda doméstica quanto da desvalorização cambial ocorrida em 1999. Em 2001, o setor voltou a apresentar saldos comerciais positivos e crescentes. A partir de 2004, as importações voltam a crescer, respondendo novamente ao aumento da demanda interna e ao processo de valorização cambial. Em 2006 e 2007 a taxa de crescimento em relação ao ano anterior foi de cerca de 40%, o que fez que o volume de importações em 2007 fosse praticamente o dobro do observado em 2005.

Esse resultado foi decorrência em grande parte do aumento da demanda interna, que como verificado anteriormente resultou em aumento da produção doméstica, ao mesmo tempo em que impulsionou as importações. Como consequência, o setor se tornou novamente deficitário, atingindo um saldo negativo de US\$ 644 milhões em 2007.

Gráfico 4 – Comércio Exterior da Indústria Têxtil e de Confecção (1994-2007)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ABIT.

A tabela 12 mostra a evolução do consumo e da produção *per capita* entre 1995 e 2005 e de 2006 em relação a 2005. Considerando o período 1995-2005, observa-se que o consumo por habitante cresceu lentamente, atingindo 1,9% ao ano. No entanto a produção cresceu de maneira mais lenta ainda (1% ao ano). Já em 2006, verifica-se um aumento substancial do consumo, ao mesmo tempo em que a produção continuou apresentando taxa de crescimento bastante baixa. De fato, como observado no item 2.2, somente em 2007 é que a produção local de têxteis e confecções responde claramente ao aumento de consumo. Porém, a valorização cambial com certeza tem efeito sobre esse processo, uma vez que diminui a capacidade dos produtores nacionais de aproveitarem plenamente o aumento da demanda.

Tabela 12 – Evolução da produção e do consumo *per capita* da indústria têxtil e de confecção brasileira (1995-2006): Kg

	1995	2005	2006	Cresc. médio anual 1995-2006	Cresc. 2005 2006
Produção/habitante/ano	8,3	9,2	9,3	1,0%	1,1%
Consumo/habitante/ano	8,7	9,8	10,7	1,9%	9,2%

Fonte: IEMI

Abrindo o comércio exterior têxtil por segmento, é possível verificar que enquanto as exportações de produtos têxteis crescerem marginalmente no período, as exportações de confeccionados e principalmente de fibras têxteis tiveram um aumento expressivo (tabela 13). No caso dos produtos confeccionados destacam-se os produtos de cama, mesa e banho, enquanto que nas fibras, as exportações de algodão constituem-se no principal item, resultado do aumento da produção e da produtividade ocorrida nos últimos anos.

Tabela 13 – Comércio Exterior de Produtos Têxteis e de Confeção por Segmento. 2000 e 2007

Segmentos	Em US\$ milhões e %				
	2000		2007		Cresc. Médio
Exportação	Valor	Part. Relativa	Valor	Part. Relativa	Anual 00-07
Fibras/Filamentos	133,7	10,9	738,8	31,2	27,7
Têxteis	534,1	43,7	568,2	24,0	0,9
Confeccionados	554,2	45,3	1.057,2	44,7	9,7
Total	1.222,1	100,0	2.364,2	100,0	9,9
Importação					
Fibras/Filamentos	831,5	51,8	843,8	28,1	0,2
Têxteis	581,6	36,2	1.142,9	38,0	10,1
Confeccionados	193,0	12,0	1.021,5	34,0	26,9
Total	1.606,1	100,0	3.008,3	100,0	9,4

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ABIT.

Por outro lado, nas importações, destaca-se o aumento das importações de confeccionados, em especial produtos de vestuário e tecidos técnicos. A taxa média de crescimento anual dos produtos confeccionados foi de cerca de 27% ao ano entre 2000 e 2007, e a participação relativa no total importado aumentou de 12% para 34% no mesmo período. Os produtos têxteis também tiveram aumento de participação, de 36,2% para 38% no mesmo período, enquanto as fibras e filamentos tiveram redução de participação de 51,8% para 28,1%.

Em termos de saldo comercial, destaca-se a redução no déficit das fibras e filamentos, em razão do já citado aumento das exportações de fibras de algodão, enquanto os produtos têxteis tiveram um aumento no saldo negativo, respondendo pela maior parte do saldo negativo total do setor. Já os produtos confeccionados apresentaram uma tendência de redução no superávit.

Tabela 14 – Saldo Comercial de Produtos Têxteis e de Confeção por Segmento. 2000 e 2007

Em US\$ milhões		
Segmento	2000	2007
Fibras/Filamentos	-697,8	-105,1
Têxteis	-47,4	-574,7
Confeccionados	361,2	35,7
Total	-384,0	-644,1

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ABIT.

É importante destacar que, quando analisados do ponto de vista do tipo de matéria-prima utilizada, a inserção competitiva dos produtos brasileiros no mercado externo concentra-se na cadeia do algodão, tanto nas fibras, quanto nos produtos têxteis e confeccionados.

Como pode ser observado na tabela 15, considerando apenas os produtos de algodão dentro da pauta de têxteis e confecção, as exportações atingiram US\$ 1,3 bilhões em 2007, o que corresponde a quase 60% do total. Enquanto no total do comércio de têxteis e confecção observa-se um déficit de US\$ 664 milhões, considerando apenas os produtos de algodão, o Brasil apresentou superávit de US\$ 884 milhões, concentrados nas fibras, nos tecidos e nos produtos de cama, mesa e banho.

Tabela 15 – Comércio Exterior de Produtos Têxteis e Confeccção de Algodão (2007).

Em US\$ milhões			
Produto	Exportações	Importações	Saldo
Fibras	510,5	127,1	383,4
Fios	30,2	66,6	-36,4
Tecidos Planos	287,3	81,3	206,0
Tecidos de Malha	16,4	2,8	13,6
Linhas de Costura	2,3	0,1	2,2
Vestuário de Malha	84,5	58,3	26,2
Vestuario de Tecido Plano	58,3	118,4	-60,0
Cama, Mesa e Banho	311,3	25,2	286,1
Cortinas	0,5	0,6	-0,1
Outros Artigos Confeccionados	13,6	0,1	13,5
Pastas e Feltros	5,2	1,0	4,3
Tecidos especiais, rendas e bordados	70,4	25,4	45,0
Total	1.390,0	506,1	884,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ABIT.

Por outro lado, o déficit comercial brasileiro se concentra nas importações de produtos de base artificial e sintética, tanto as fibras e filamentos, quanto nos tecidos e vestuários produzidos a partir dessas matérias-primas.

Apesar da competitividade observada nos produtos de algodão, de maneira geral, a baixa competitividade do setor têxtil brasileiro expressa-se pela pequena participação dentro comércio internacional. Considerando o total das exportações mundiais, a participação brasileira atingiu apenas 0,4% em 2006. Os desafios competitivos colocados para melhorar essa inserção são tratados na seção a seguir

3. Principais fatores de competitividade e desafios competitivos

A indústria têxtil e de confecção mundial vem passando por importantes transformações relacionadas às suas bases competitivas, que se tornam cada vez mais dependentes do conhecimento das transformações nos mercados (que se tornam cada

vez mais sofisticados e globalizados), e de uma logística estruturada, que possibilite maior integração entre os diferentes elos da cadeia.

As grandes empresas que comandam a cadeia globalmente passaram a focar suas atividades e seus esforços nos ativos intangíveis como marca, desenvolvimento de produto, marketing, canais de distribuição e comercialização e passaram a deslocar as etapas produtivas para regiões onde o custo do trabalho é menor, sobretudo no segmento de vestuário. Esse movimento, aliado aos acordos comerciais multilaterais que regulamentaram o comércio internacional de têxteis através da imposição de quotas, redefiniu a geografia da produção e do comércio têxtil, permitindo o surgimento de inúmeros exportadores de países em desenvolvimento. O fim do Acordo de Têxteis e Vestuário em 2005 e a transição para um comércio menos regulamentado, por sua vez, vem provocando mudanças importantes, com maior concentração nos grandes produtores e exportadores mundiais, reduzindo o espaço dos concorrentes menos eficientes.

Nesse contexto de concorrência internacional mais acirrada, a indústria têxtil e de confecção brasileira enfrenta o desafio de elevar sua competitividade de maneira a aumentar sua inserção no mercado internacional e preservar espaços no mercado doméstico.

Vale lembrar que essa indústria passou por mudanças importantes após a crise dos anos 1990, oriunda da abertura comercial, que expôs os fabricantes nacionais à concorrência externa depois de um longo período de proteção tarifária, e conduziu a uma série de mudanças na organização produtiva. Uma parte relevante da estrutura empresarial modernizou seu parque de máquinas, principalmente através da aquisição de equipamentos importados; ocorreram processos de desverticalização da produção; aumentaram os esforços de investimentos em ativos intangíveis, tais como desenvolvimento de produto, marcas e design, marketing, comercialização e distribuição dos produtos; e parte da produção se deslocou para outras regiões, via investimentos ou sub-contratação da produção, marcadamente da região sudeste para a nordeste.

No entanto, em seu conjunto, a indústria têxtil e de confecção permanece com baixo grau de produtividade e pouco competitiva internacionalmente, a despeito da existência de algumas empresas líderes em certos segmentos que possuem graus de eficiência produtiva bastante acima da média. A convivência de algumas empresas maiores, com maior grau de produtividade e dotadas de capacitações produtivas e comerciais relevantes, inclusive no mercado internacional, convivendo um com conjunto amplo de segmentos menos eficientes, mostra a heterogeneidade da cadeia produtiva, marcada por baixo grau de integração e coordenação entre seus diferentes elos. Essa estrutura, como comentado anteriormente passa pelo duplo desafio de aumentar as exportações e ao mesmo tempo manter a competitividade no mercado interno frente a grandes competidores como a China.

Com relação à inserção no mercado externo, é importante destacar a importância de buscar focos de especialização que procurem não concorrer diretamente com produtos já estruturados pelas cadeias produtivas organizadas pelos grandes produtores e compradores globais, até porque esses produtos têm se deslocado cada vez mais para a Ásia e para regiões de mão-de-obra barata nas regiões próximas aos Estados Unidos e aos países desenvolvidos da Europa.

De um lado isso significa reforçar a competitividade na cadeia de produtos de algodão, onde o país já conta com exportação expressiva em segmentos como denim e produtos de cama, mesa e banho, mas que pode ser alavancada a partir ações que permitam aproveitar de maneira mais efetiva a vantagem decorrente do país ser um grande produtor de algodão. Nesses sentido é importante que as melhorias na produtividade e na qualidade da fibra do algodão brasileiro sejam constantes, o que deve se traduzir em tanto em produtos têxteis de melhor qualidade quanto em maior produtividade nas máquinas em função da maior resistência das fibras. Vale destacar que existem iniciativas importantes nesses sentido, como a criação de um conselho para a certificação do algodão ambientalmente sustentável em todo o seu ciclo, desde o plantio até a venda ao consumidor final, liderado pelas empresas Coteminas, Marisol, Santista Têxtil/Tavex e Springs Global US. Vale destacar também o esforço da EMBRAPA e do IAC no melhoramento genético e desenvolvimento de novas variedades. Um exemplo são os cultivares de algodão colorido desenvolvidos pela EMBRAPA, que podem dar origem a produtos diferenciados na indústria têxtil, além de reduzir o lançamento de efluentes químicos e tóxicos, por dispensarem o uso de corantes.

De outro, nos produtos mais ligados às fibras químicas, ou com mistura de fibras, o esforço para diferenciação de produtos e fixação de marcas deve ser ainda maior, em razão da competição acirrada e das vantagens de custo, associados à escala e às vantagens de custo de mão-de-obra decorrentes da localização geográfica dos grandes exportadores de países em desenvolvimento. A maior inserção internacional nesse caso, deve passar também por uma maior especialização em segmentos menos sujeitos à escala e menos padronizados, de maneira a evitar a concorrência com esses países.

Vale ressaltar, porém, que do ponto de vista das oportunidades, além do mercado externo é importante que se dê atenção à produção voltada para o mercado interno. A existência de um mercado interno de grandes proporções, com grande potencial de crescimento e que ainda apresenta um consumo per capita de têxteis e confecção bastante baixo, representa uma oportunidade importante, que pode inclusive servir de alavanca para a conquista de competitividade no exterior. É importante lembrar ainda que o aumento do potencial competitivo e da eficiência produtiva do conjunto do setor é fundamental para preservar a capacidade de produção e geração de emprego e renda, em especial no mercado interno.

Uma ação importante nesse sentido é a modernização do parque de máquinas. Nos últimos anos, o setor tem investido em torno de US\$ 500 milhões em novas máquinas têxteis. Além de elevar esse valor, é importante que a atualização do parque de máquinas ocorra de maneira mais ampla, em especial nas empresas de pequeno porte no segmento de confecção, que apresentam produtividade relativa menor em relação ao total da indústria. Nesse sentido, as políticas voltadas para aumentar a capilaridade do sistema de financiamento à compra de máquinas são fundamentais.

Tão importante quanto a atualização tecnológica, no padrão competitivo atual da indústria têxtil e de confecção, é fundamental o conhecimento e atendimento rápido às mudanças nas preferências dos consumidores. Dessa forma, a difusão de técnicas de *supply chain management* e a maior integração da cadeia produtiva, partindo da ponta do consumo final para trás é fundamental. Essa questão é mais importante ainda nos produtos que exigem reposição constante de estoques no varejo final, uma vez que a

proximidade com as redes de varejo e a redução dos estoques em todo o ciclo de produção e comercialização pode compensar em parte o menor custo relativo da mão-de-obra nos países asiáticos.

Vale lembrar que a produção têxtil e de confecção brasileira, em vários segmentos, encontra-se concentrada em pólos, como Americana e Nova Friburgo, conformando Arranjos Produtivos Locais importantes. A produção em APLs possibilita ganhos de especialização e aproveitamento de economias de escalas internas às regiões, facilitando ao mesmo tempo ações de apoio à modernização tecnológica e gerencial, para o fornecimento de atividades de suporte como testes, certificação, e para atividades de prospecção de mercados, comercialização e exportação.

Outro aspecto importante para a manutenção da capacidade competitiva do setor é a atenção ao sistema defesa comercial de fiscalização para garantir a concorrência em condições isonômicas, uma vez que nesse segmento existe a possibilidade de práticas anti-competitivas, como dumping, subsídios, produtos importados com falsa classificação e até mesmo contrabando.

Finalmente, deve-se atentar para as oportunidades abertas pelo surgimento de novos segmentos, com o desenvolvimento nos últimos anos, de insumos e materiais que são cada vez mais sofisticados, utilizados, sobretudo, nos produtos dos elos finais da cadeia. Algumas empresas têxteis e de confecção, nos segmentos de roupas profissionais, moda íntima, *fitness*, dentre outros, começam a produzir tecidos com fios que agregam nano partículas que alteram o comportamento das fibras, proporcionando à peça final resistência, conforto, efeitos anti-odor, bactericidas, hidratação e proteção UV. Esses produtos podem ganhar importância em um futuro próximo.

Existe portanto, um conjunto de ações importantes que merecem atenção das políticas públicas, em função da importância econômica da cadeia têxtil e vestuário, em especial pelo potencial de geração de empregos, mas também pela percepção de que o setor pode ter um desempenho muito melhor do que o verificado no período recente, tanto no mercado interno quanto no mercado externo.

Referências bibliográficas

- ALBERNATHY, F.H, VOLPE, A. e WEIL, D. *The Future of the Apparel and Textile Industries: Prospects and Choices for Public and Private Actors*. Harvard Center for Textile and Apparel Research, 2005
- Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT). *Boletim ABIT*, dez. 2007.
- Instituto de Estudos e Marketing Industrial (IEMI). *Brasil Têxtil 2007*. Disponível em www.iemi.com.br. Acesso em 2008.
- GORINI, A. P. F. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas. *BNDES Setorial*: Rio de Janeiro, n. 12. 2000.
- LANDIM, R. Compra de máquinas cresce e se diversifica, *Valor Econômico*, São Paulo, 19 mai. 2008.
- LUPATINI, M. *Relatório Setorial – Têxtil e Vestuário*. Rede DPP: Finep. Disponível em www.finep.gov.br. Acesso em 2007.
- OECD. Economic Impact of the phase-out in 2005 of quantitative restrictions under the agreement on textile and clothing. *Working Party of the Trade Committee*, n. 14, 2007.
- PROCHNIK, V. A cadeia têxtil/confecção perante os desafios da Alca e do acordo comercial com a União Européia. *Economia*, v. 4, n. 1, p. 19-52, jan./jun. 2003
- SANTOS, A.M.M. e FILHA, D.C.M. Cadeia Têxtil: estruturas e estratégias no comércio exterior. Rio de Janeiro: *BNDES setorial*, n. 15. 2002
- VALOR ECONÔMICO. Vários números.
- VALOR SETORIAL. Indústria têxtil e de vestuários, 2008.